

Construção imagética da mãe no poema “Retrato de mãe” de Jorge Tufic

Antonia Dirlen Pereira ALVES¹
Alessandra CONDE²
Sérgio Wellington Freire CHAVES³

Resumo: No poema “Retrato de mãe”, como o próprio nome sugere, o eu-lírico invoca elementos que compõem o retrato da figura materna. Neste trabalho, realizamos um estudo sobre o poema de Jorge Tufic, nascido em Serra Madureira, no Acre, procurando descobrir como a figura da mãe é construída cultural e individualmente. A investigação do perfil materno no poema se dará à luz da concepção de “lembranças simuladas” de Halbwachse. Sendo o autor descendente de imigrantes sírio-libaneses, o poema ecoa traços dessa cultura, fazendo-se necessário um estudo sobre a presença e a cultura deles na Amazônia. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com base nos escritos de Benchimol (2008; 2009; 2013), Márcio Souza (2015, 2019), Buchabqui (2011) e outros que tratam da presença árabe na Amazônia. Foram consideradas as leituras de Rogel Samuel (2012), Goldstein (2005) e Salvatore D’Onofrio (1995) para as análises e estudos a respeito do texto poético.

Palavras-chave: Jorge Tufic; Lembranças simuladas; Sírio-libaneses na Amazônia.

Introdução

O poema “Retrato de mãe”, de Jorge Tufic, publicado inicialmente no livro homônimo em 1995, trata de um tema bastante comum na literatura: a mãe, ou, mais especificamente, a sua perda. O poema mostra a construção memorialística da figura materna. O eu-lírico se vale de suas lembranças e imagens do passado que vão se moldando, conjugando elementos da cultura libanesa, e da infância.

O Líbano, ou República Libanesa, é um pequeno país localizado no Oriente Médio, que faz fronteira com a Síria e com Israel e é conhecido por sua rica história e diversidade cultural, além de possuir uma culinária famosa em todo o mundo. No entanto, o Líbano enfrentou desafios políticos, econômicos e sociais, incluindo conflitos religiosos, que obrigaram libaneses a emigrar para muitos países, dentre eles, o Brasil. Eles partiram com o intuito de encontrar melhores condições de vida, já que, “a pobreza extrema motivou o grande movimento migratório dos libaneses em direção ao Brasil” (David, 2020, p. 451). Além disso, em razão de opressões causadas pela política local, vieram para o Brasil “fugindo da falta de

¹ Graduanda de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança. E-mail: atndirlen01@gmail.com.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Pará. E-mail: afcondesilva@gmail.com.

³ Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: sergiofreire@ufpa.br.

perspectiva econômica na região, então dominada pela política turco-otomana” (Buchabqui, 2011, p. 11).

Os imigrantes que deixaram o Líbano em busca de melhores condições de vida foram compostos por diferentes grupos étnicos e religiosos. Entre eles, os cristãos se destacaram como uma parcela significativa, uma vez que historicamente foram a minoria que mais sofreu com a discriminação e perseguição durante o período do Império Turco-Otomano. Segundo Buchabqui (2011), desde antes do século XIX, as autoridades locais concediam privilégios aos muçulmanos, e, em contrapartida, subjugavam os cristãos a uma posição social e política inferior, independente da denominação religiosa, sendo eles submetidos a diversas restrições e encargos tributários que prejudicavam sua condição socioeconômica.

Em 1860, o Líbano ganha a ajuda de Ibrahim Paxá, filho de Muhammad Ali, o modernizador do Egito. Com o objetivo de promover uma igualdade étnica e religiosa, Ibrahim promoveu diversas concessões que beneficiavam os cristãos, sendo a principal delas a liberação dos altos impostos que lhes eram cobrados de forma indevida. Dessa forma, o grupo experimentou, temporariamente, o gosto da liberdade e tolerância religiosa. No entanto, essa interferência resultou, também, em rebeliões e massacres de ambos os lados, além de fazer com que os turco-otomanos impusessem a obrigatoriedade do serviço militar para os cristãos, tornando a migração a única opção viável para eles, tal como afirma Buchabqui (2011, p. 13):

Devido às dificuldades militares e políticas do Império Otomano, até mesmo pela questão do alistamento militar obrigatório aos cristãos depois de 1909, o rude tratamento imposto nos alistamentos cristãos pelos soldados e oficiais maometanos determinou a emigração de milhares de cristãos para fugir do serviço militar e veio a constituir-se em outra influência a considerar quanto à emigração.

Nesse contexto, essa emigração para terras brasileiras ocorreu durante o período que se entende por Ciclo da Borracha, iniciado no fim do século XIX e princípio do XX, sendo um dos mais importantes momentos da história da região amazônica. Desse modo, com a crescente demanda pela borracha, a Amazônia passou a atrair trabalhadores e imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo, dentre eles, como já foi mencionado, os sírio-libaneses. Essa corrente migratória teve início, segundo Souza (2019, p. 193) “no final do século XIX, com o crescimento da economia do látex, [em que] levadas inteiras de homens e mulheres deixaram suas cidades e aldeias, como Balbeque, Ghazir, Dimen, Beirute, no Líbano, e Ayo, Hama e Damasco, na Síria, para reconstruir sua existência na Amazônia”.

A chegada dos sírio-libaneses à Amazônia foi marcada pela descoberta de um novo lugar para recomeçarem suas vidas. Inspirados pelos judeus, que já haviam se estabelecido na

região e encontrado uma nova “Terra Prometida”, os novos “fenícios” do Império Otomano viram na Amazônia um lugar fértil para investimentos comerciais e oportunidades de crescimento (Benchimol, 2009, p.14). Com coragem e determinação, esses imigrantes se estabeleceram na Amazônia. Souza (2015, p. 97) se refere a eles como sendo uma

gente persistente, apegada ao sentido de família, sóbria e inteligente, superando as barreiras do preconceito, formando novos costumes e introduzindo novos valores culturais. Foram os sírio-libaneses que trouxeram para a região o sistema do crediário, trazendo para um mercado elitista a população pobre.

A principal atividade desempenhada pelos primeiros imigrantes que vieram do Líbano foi no comércio. Inicialmente, ocuparam-se com o aviamento, Ribeiro (2005, p. 178) afirma que, tal como os judeus sefarditas, vieram os “sírios e libaneses que se voltaram, também, para o comércio, sobretudo, assumindo o papel de ‘aviadores’, na exploração da borracha.”. A prática de aviamento consistia, basicamente, em um sistema de crédito no qual o seringalista fornecia tudo o que o seringueiro precisava para extrair borracha. Em troca, o seringueiro vendia toda a borracha ao seringalista, que fixava o preço e, por vezes, cobrava juros absurdos. De acordo com Ribeiro (2005, p. 171),

foi, assim, que se institucionalizou o aviamento: o modelo creditício concebido para o custeio das safras da borracha. O crédito era, assim, capilarizado até as mais longínquas regiões possibilitando a sua ocupação pela gente brasileira: o seringueiro e sua família. O aviamento levava o crédito ao seringueiro e, ao mesmo tempo, institucionalizava sua dependência total do seringueiro e, por conseqüência, a escravidão por dívidas.

Outra prática também bastante significativa na história dos sírio-libaneses foi a mascateação, já que “a maioria deles começou a sua vida no país vendendo mercadorias de porta em porta como mascate [...]” (Buchabqui, 2011, p. 12), logo, suas habilidades comerciais se desenvolveram nesse ramo, em que “[...] muitos deles percorreram todo o interior, com grandes malas de roupas, tecidos e outras utilidades do lar” (Buchabqui, 2011, p. 30.).

Esses imigrantes eram conhecidos por sua dedicação ao trabalho e tiveram um impacto substancial nas esferas social, econômica e cultural local. No entanto, apesar de suas contribuições, o reconhecimento dessas comunidades demorou a acontecer, conforme apontado por David (2020, p. 452): “São os filhos [...] ou os netos que vão testemunhar e recriar esta saga de mascates no Brasil iniciada por volta do último quartel do século XIX.”. Dessa forma, a chegada dos imigrantes sírio-libaneses à Amazônia representou um marco histórico significativo para a região e para a história desse povo, dado que “aqui no Brasil

muitos descendentes de libaneses se fizeram juristas, gramáticos, médicos, professores, engenheiros, comerciantes, atestando uma enorme capacidade intelectual, de integração e de diálogo com outra cultura. (David, 2020, p. 457).

Assim, é possível perceber que a trajetória dos imigrantes sírio-libaneses para a Amazônia não esteve livre de desafios e adversidades. A luta contra o preconceito e a discriminação, aliada às dificuldades inerentes ao processo de adaptação a uma nova cultura e ambiente, demonstra a perseverança desses grupos em busca de uma vida melhor. Seu sucesso ao longo das gerações é fruto de sua dedicação ao trabalho, amor à terra adotada e à crença na construção de um futuro mais próspero.

Jorge Tufic: poeta de múltiplas raízes.

Um dos legados notáveis da migração sírio-libanesa para o Brasil foi o impacto no cenário literário. Um dos nomes proeminentes foi do poeta amazonense Jorge Tufic. Nascido em 13 de agosto de 1930, na cidade de Sena Madureira, no Acre, Tufic era filho de comerciantes sírio-libaneses que chegaram à Amazônia no início da década de 1920. Para garantir seu sustento, seus pais se envolveram nas atividades comerciais nos seringais da região. Elementos dessa origem familiar e de sua herança cultural podem ser encontrados em várias de suas obras literárias, agregadas às imagens e assuntos pertinentes às questões regionais amazônicas, territoriais e culturais. Jorge Tufic foi um artista heterogêneo ao longo de sua carreira como escritor e que

na poesia, por exemplo, a dicção tufiquiana é composta fundamentalmente pela tradição e experimentação, já que todo o artesanato poético da obra é feito a partir da experimentação de recursos e técnicas de diferentes tradições literárias. Assim, na obra dele há valores que apontam para a poesia clássica, como o uso da forma fixa, do verso regular e do esquema rímico. Assinalam também a poesia moderna enquanto ideário que renova as concepções poéticas com as possibilidades de uso das formas fixas com os versos livres e brancos. Direcionam-se ainda para a poesia contemporânea no que diz respeito às inovações poéticas que romperam radicalmente as noções da poesia tradicional. (Soares, 2018, p. 13).

Antes de se dedicar à carreira de poeta, exerceu, durante boa parte de sua vida, a profissão de jornalista. Sua primeira obra publicada foi *Varanda de Pássaros* em 1956, mas, estima-se que, atualmente, o acervo poético de Jorge Tufic seja composto por 42 obras, abrangendo diversos gêneros literários, como poesias, contos, ensaios e sonetos. Foi um dos fundadores do “Clube da madrugada”, importante movimento cultural e literário do séc. XX, responsável por trazer o movimento modernista para a Amazônia.

Fundado em 1913, o grupo do qual Jorge Tufic foi um dos representantes, tinha como objetivo reunir intelectuais, artistas e escritores, buscando promover discussões e debates sobre questões culturais, literárias e sociais. Nesse contexto, o movimento buscava inovar a literatura local, além de organizar encontros literários, recitais, debates e publicações em jornais e revistas, difundindo ideias modernistas e estimulando o surgimento de novos talentos. O Clube da Madrugada contribuiu para a construção de uma identidade cultural forte e diversificada, refletida nos escritos do poeta acreano.

Além de sua expressiva produção artística, o poeta Jorge Tufic também foi responsável por escrever a letra do hino do Amazonas, em 1966, demonstrando seu profundo amor e comprometimento com a região. Também teve bastante destaque em antologias nacionais e internacionais, sendo duas delas especialmente relevantes. A primeira foi “A Nova Poesia Brasileira”, organizada por Alberto da Costa e Silva em Portugal, que criou uma coletânea de poetas brasileiros contemporâneos. Outra antologia importante é “A Novíssima Poesia Brasileira”, lançada por Walmir Ayala na Livraria São José, no Rio de Janeiro, em 1965. Após a sua aposentadoria em 1990, mudou-se para Fortaleza, dedicando-se mais ainda à literatura.

Jorge Tufic fez ricas contribuições à cultura acreana e amazônica. Sua produção literária demonstra a versatilidade do autor em escrever sobre os mais variados temas, dentre eles, solidão, conflitos internos e, sobretudo, as suas raízes amazônicas, a origem libanesa e as memórias de sua infância. A respeito dessas últimas características, no poema “Retrato de mãe”, elas se fazem recorrentes, explícita ou implicitamente.

“Retratos de mãe”: algumas reflexões

*Retrato de mãe*⁴, lançado em 1995, marcou a estreia literária de Tufic após a sua mudança para a capital cearense. Composto por 15 sonetos, nesse livro, o eu-lírico evoca a relação de um filho e as lembranças de sua mãe já morta, de maneira a trazer à tona, constantemente, memórias afetivas.

Além disso, a partir de análises, infere-se que o poema tem como pano de fundo elementos culturais próprio dos sírio-libaneses, já que, visivelmente a mãe retratada na composição é uma imigrante dessa nacionalidade. A conexão com essa cultura específica é

⁴ O poema “Retrato de mãe” foi estudado por Rogel Samuel em *Fios de luz, aromas vivos: Leitura de “Retrato de mãe*. Neste livro, Samuel, na primeira parte, apresenta o poema de Tufic na íntegra e, na segunda parte, faz as suas considerações ao texto poético. Utilizaremos neste trabalho o poema de Tufic publicado no livro de Samuel.

particularmente relevante, uma vez que a mãe de Tufic possui a mesma herança cultural. Tal relação, entre a cultura sírio-libanesa e a figura materna, suscita a seguinte dúvida: esses sonetos pós-modernos em que Jorge Tufic traça o perfil materno, desenhando o retrato de uma mãe, referem-se à sua verdadeira, ou, a personagem mãe? (Samuel, 2012, p. 15).

O título do poema, “Retrato de mãe”, remete à ideia de criar, construir e moldar uma imagem da mãe. No texto, fica claro que essa criação ocorre por meio das lembranças, que podem ser eventos, memórias, características ou objetos que evocam a figura materna. Nesse sentido, a simbologia de “pintar uma imagem” por meio das lembranças está relacionada às concepções de Halbwachs (1994, p. 73) que considera que a “[...] a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado”. Isso significa que a memória está conectada a uma rede de associações e referências, como as emoções ligadas ao evento lembrado e as experiências compartilhadas com outras pessoas. Portanto, o que ocorre é uma constante reconstrução e reestruturação das lembranças. Essa natureza fluida e o processo de reformulação da memória também são abordados por Bergson (2010, p. 69), que assim define o processo:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra.

O ponto chave da teoria “Lembranças simuladas” de Halbwachs (1994) centra-se na ideia de que as lembranças, todas elas, são, portanto, mutáveis e constantemente construídas e reconstruídas, sobretudo quando se trata de memórias de alguém que já se foi, nesse caso, a mãe falecida, como enfoca o poema. Isso significa que as lembranças não são fixas ou totalmente precisas, mas sim “simuladas” em certa medida, pois são moldadas e reinterpretadas pela perspectiva atual do indivíduo. Para Halbwachs (1994, p. 74),

é depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre sua pessoa. É então, também, que sua imagem é a menos nítida, que ela se transforma constantemente, conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. Em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza.

Nesse sentido, compreender os significados e a aplicação das “lembranças simuladas” de Halbwachs significa reconhecer que, após a partida de alguém, a sua imagem se torna mais intensa e presente na memória, mas que, paradoxalmente, essas mesmas lembranças são

inconstantes, dado que estão constantemente sendo recriadas por nossas percepções do passado. O poema “Retrato de mãe” exemplifica esse processo ao retratar como o eu-lírico, órfão da mãe, volta ao passado para construir a imagem materna, sendo essa imagem influenciada por suas vivências e conhecimentos atuais.

Delimitar as obras de Jorge Tufic em um único movimento estilístico não é tarefa fácil. No entanto, neste estudo, iremos considerar a perspectiva de Rogel Samuel (2012), que classifica o livro *Retrato de mãe* como uma obra pós-moderna. Essa abordagem leva em conta as características temáticas e estilísticas presentes no poema de Tufic, que refletem os elementos típicos do movimento pós-moderno, como a desconstrução de narrativas lineares, a intertextualidade e a reflexão sobre identidade e cultura.

O poema e suas evocações: Lembranças e sentidos

O termo “evocar” significa trazer à mente, relembrar, resgatar algo que aconteceu no passado. No contexto do poema, isso se fará frequente, pois, o eu-lírico, filho, utiliza esse recurso para trazer à tona as lembranças de sua mãe e, assim, começar a construir o retrato materno ao longo dos sonetos. É um processo de resgate afetivo e de reconstrução da presença materna através da poesia, como pode ser visto no primeiro soneto:

I

Venham fios de luz, aromas vivos
misturar-se às palavras, à centelha
do louvor mais profundo deste filho
que se depura e sofre com tua ausência.

Venha o trigo do Líbano, a maçã
de que tanto falavas; venha a brisa
tecer, mediterrânea, esta saudade
que vem de ti quando por ti me alegro.

Que venha a primavera, saturando
vales, planícies, colorindo os montes,
noites de luar caiando os muros altos.

Venha a pedra da igreja onde ficaste
quando em febre te ardias. Venham lírios
rebrotados de ti, dos teus martírios.
(Tufic, 2012, p. 7 apud Samuel, 2012, p. 7).

A partir desse primeiro soneto, percebe-se a evocação sendo manifestada nos verbos “venha/venham”, presentes nos versos 1, 5 e 12. A respeito desse recurso, Goldstein (2008, p. 77) explica que “a repetição de palavras é um recurso muito freqüente. Quando acontece

sempre na mesma posição (início, meio ou final de vários versos), recebe o nome de anáfora”. O verbo assume a forma imperativa do “vir” e é utilizado para invocar elementos simbólicos e sensoriais que remetem à figura materna.

Além de uma evocação, essa forma verbal permite também a ideia de convite, já que ela convoca, de maneira intensa, a presença desses elementos, como se fossem convidados a se fazerem presentes na narrativa poética, e eles se fazem. É possível inferir que esses chamamentos invocam sensações e elementos sensoriais diversos, como o sabor e o saber “de um elemento gustativo, [isto é], a maçã, o trigo, o visual, fios de luz, e o tátil elemento do vento, e os aromas, a paisagem, a planície, os montes e as noites, a pedra, a febre, o martírio (Samuel, 2012, p. 16).

De acordo com a análise proposta por Samuel (2012), o poema “Retrato de mãe” é composto pela convocação de diversos sentidos: o paladar, representado pela maçã e pelo trigo, o visual, simbolizado pelos fios de luz; o tato, evocado pelo vento; e os aromas presentes na paisagem. O que se vê em “Retrato de mãe” é um filho que recorre às memórias dos sentidos. Estas memórias são especialmente poderosas, uma vez que mexem não apenas com lembranças de eventos, mas também com a experiência emocional e física associada a eles. Sobre essa relação entre a percepção e lembrança, Bergson (2010, p. 70) cita que

nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança, conforme mostraremos adiante, não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere. Estes dois atos, percepção e lembrança, penetram-se, portanto, sempre, trocam sempre algo de suas substâncias mediante um fenômeno de endosmose.

Nesse interim, tem-se a ideia de que a memória não é apenas um processo mental isolado, mas está intrinsecamente ligada às nossas experiências sensoriais e perceptivas. Tufic explora essa percepção em “Retrato de mãe” como uma ferramenta para evocar lembranças afetivas do passado e, assim, intensificar a experiência poética para o leitor. Ao descrever elementos sensoriais, como cheiros, aromas e imagens, o eu-lírico cria uma conexão entre as percepções presentes no momento da leitura e as lembranças do passado, tais como nos versos a seguir:

IV

Em tudo, minha mãe, te vejo e sinto.
Neste verniz antigo, neste cheiro
suavíssimo que vinha do teu corpo,
do pólen de tuas mãos, do hortelãzinho.

Em tudo, minha mãe, teu vulto amado
se desenha mais firme, e, lentamente,
vem dizer-me aos ouvidos qualquer coisa
desses anos que pesam sobre mim.

Em tudo, minha mãe, vejo este lenço
que à passagem da dor recolhe o traço
do sorriso que foste a vida inteira.

E, mesmo quando morta, entre açucenas,
Ainda ressaí de ti, poder divino
A canção que adormece o teu menino.
(Tufic, 2012, p. 8 apud Samuel, 2012, p. 8).

Na obra, o eu-lírico revisita o passado quase inteiramente por meio das percepções sensoriais, dos cheiros, da imagem ainda gravada na memória. A visão desempenha um papel fundamental. O eu-lírico pressente ver a presença da mãe nos cômodos da casa. Nesses versos, essa ideia é intensificada pela repetição de expressões que remetem a esse sentido. A relação dos versos “te vejo e sinto. Neste verniz antigo.” e “Em tudo, minha mãe, teu vulto amado [...] em tudo, minha mãe, vejo este lenço” (Tufic, 2012, p. 8 apud Samuel, 2012, p. 8) reforça a conexão existente entre o filho e a mãe, pois ele a enxerga nos detalhes mais simples do seu cotidiano.

O poeta também evoca o sentido do olfato ao descrever o aroma suave que emanava do corpo da mãe, do pólen de suas mãos e do hortelãzinho. Esse perfume se torna uma lembrança vívida, repleta de significado e afeto. Além disso, a audição é mencionada quando o eu lírico diz: “vem dizer-me aos ouvidos qualquer coisa desses anos que pesam sobre mim” (Tufic, 2012, p. 8 apud Samuel, 2012, p. 8). Essa conexão sensorial revela a profundidade das lembranças e a influência duradoura que a mãe exerce sobre a vida do filho. Portanto, todas essas memórias sensoriais em relação à figura materna “[...] inclinam-se a retocar seu retrato.” (Halbwachs, 1994, p. 74).

No primeiro verso do poema, ao fazer uso da expressão “fios de luz, aromas vivos” (Tufic, 2012, p. 7 apud Samuel, 2012, p. 7), o poeta brinca também com a combinação de sensações, uma “metáfora sinestésica, que cria associações entre sensações de campos semânticos diferentes” (D’onofrio, 1995, p. 1). Essa sinestesia ocorre no instante em que existe a mistura das sensações visuais (fios de luz) e olfativas (aromas vivos) em uma mesma frase. A junção dos dois sentidos cria uma imagem sensorialmente rica e intensifica a experiência descrita no poema, transmitindo a ideia de que o filho está buscando não apenas descrever sua mãe, mas também reviver e recriar a sua presença por meio das palavras.

Além disso, a estrofe se inicia com evocações que se dão a partir de metáforas sinestésica “Venham *fiões de luz, aromas-vivos*” (Tufic, 2012, p. 7 apud Samuel, 2012, p. 7, grifo nosso). Essa escolha poética ocorre para expressar uma subjetividade, pois “[...] o poeta lírico lança mão de vários recursos estilísticos próprios da linguagem poética, especialmente a metáfora, que lhe permitem estabelecer parentescos entre objetos que pertencem a campos semânticos diferentes” (D’onofrio, 1995, p. 1). A expressão “aromas vivos”, aparece simbolizando o cheiro, ou cheiros, que lembram a mãe de forma tão intensa que parecem ter vida própria para o filho, mais adiante, pode-se inferir que, dentre esses cheiros pode estar o de alimentos da culinária libanesa.

Ao passo em que a leitura se desenrola, o eu-lírico recorre à evocação dos alimentos culturais da origem de sua mãe, “Venha o trigo do Líbano, a maçã de que tanto falava [...]” (Tufic, 2012, p. 7 apud Samuel, 2012, p. 7), para reforçar e ajudar na construção imagética dessa personalidade. Não apenas nessa estrofe, mas ainda em outras, a comida sírio-libanesa representará uma fonte inesgotável de imagens que auxiliarão o filho na tentativa de não permitir o esquecimento da mãe, como se vê na estrofe III:

Lentilha, azeite doce, o acebolado
chia na frigideira de alumínio;
a casa está repleta de convites
para a janta frugal e acolhedora.

Nos arredores brinca o vento: a cerca
divisória, talvez, nada separa.
(Tufic, 2012, p. 8 apud Samuel, 2012, p. 8).

O eu-lírico, nesta passagem, nos transporta para a sua casa, lugar acolhedor. As iguarias que a mãe fazia na infância inundam com os cheiros deliciosos a casa e a memória do filho. Da cozinha exalam aromas da culinária libanesa, com a lentilha, o azeite doce, as cebolas, chia e as receitas que sua mãe, com amor, fazia. No entanto, “tudo isso passou. Onde estão as comidas, os pratos de lentilha, a terrina de azeite para as coalhadas, as cebolas fritas? Tudo passou... Como, ao redor da casa, o vento. Como passou o vento do tempo” (Samuel, 2009, p. 15). Também desaparecem as cercas do quintal, a vizinhança animada, as vozes harmoniosas, tudo, junto com sua mãe, se foi. Mas, o filho continua a banhar-se nessas memórias:

Assim te vejo, mãe, rosto suado
na lida da cozinha ou pondo a mesa.
Terrinas de coalhada, o pão redondo
a recender de ti, mais que do trigo.

(Tufic, 2012, p. 8 apud Samuel, 2012, p. 8).

O poeta retira do arquivo memória imagens, sons, e cheiros de uma época de acolhimento. O poema convida o leitor a sorver aromas e sentimentos: a mãe é a cozinheira das almas, das afetividades, da fraternidade, da ternura. O poeta não a quer deixá-la ir. Quer prendê-la nas coisas e nos objetos que ela tocou, ele não a quer esquecer. Nessa perspectiva, a teoria de Halbwachs (1994) é confirmada, pois ela explica que a busca por revisitar o passado após a partida de alguém se traduz como uma forma de evitar o apagamento das lembranças daquela pessoa. Ao recordar momentos, experiências e características da pessoa falecida, mantém-se viva a sua presença nas lembranças, garantindo que sua identidade e história não se percam com o tempo.

Segundo Souza (2015), os sírio-libaneses são reconhecidos por seu forte apego ao sentido familiar e, dentro desse contexto, a figura da mulher, da mãe e da cozinha ocupam um papel central nessa cultura. Essa é uma das razões pelas quais suas presenças são tão proeminentes não apenas nas estrofes anteriormente analisadas, mas em todo o poema de Tufic. Sobre tais temas, Benchimol (2009, p. 434) afirma que

a família sírio-libanesa sempre foi muito unida e tinha um alto senso de comunidade e identidade cultural para transmitir a experiência de vida e os valores da velha à nova geração. Entre esses valores não podemos esquecer os sabores e as delícias da cozinha árabe, preparados pelas avós e mães no cotidiano e nos dias de festa: quibe (frito, assado e cru), tahine, atbule, cafta, esfiha, fatuque, pita, homos, lubi, musoaca, beringelas recheadas, charutos, costelas de carneiro, arak, coalhada síria, beleua e haleva.

Dessa forma, a presença constante dos alimentos e utensílios da culinária sírio-libanesa, assim como a figura materna associada ao ambiente doméstico, desempenham um papel significativo no poema. Esses elementos não apenas enfatizam a importância da cultura sírio-libanesa, mas também destacam o papel essencial das memórias na formação da identidade individual, estabelecendo um vínculo profundo entre o passado e o presente do eu-lírico. Ainda nesse sentido, outra característica marcante é a ambientação a qual o filho recorre em suas lembranças, como se vê nos versos a seguir:

Que venha a primavera, saturando
vales, planícies, colorindo os montes,
noites de luar caindo os muros altos.
(Tufic, 2012, p. 7 apud Samuel, 2012, p. 7).

Nesses versos, o poeta cria uma atmosfera poética e nostálgica, transmitindo sensações visuais e emocionais que estão associadas à natureza que lembra sua falecida mãe. O filho evoca a primavera que virá com força a espalhar-se nos vales, montes e planícies. Apesar de não dito, o poeta poderia referir-se ao lugar de origem da mãe, pois “o Líbano (nome oficial: República Libanesa) é um pequeno país *montanhoso* situado no Médio Oriente” (Buchabqui, 2011, p. 11, grifo nosso). Assim sendo, fica claro que a natureza também é elemento primordial nesse processo de recordação. Não qualquer natureza, mas especificamente a do Líbano, isso, a fim de nutrir uma conexão com a mãe e suas raízes.

De tal modo, vê-se que “Retrato de mãe” é um poema memorialístico. O poema se desenvolve a partir das lembranças do eu-lírico em relação à figura materna, evocando imagens que são reconstruídas e recriadas ao longo do texto. Mesmo quando aspectos como os sentidos ou elementos regionais são abordados, eles são filtrados e interpretados através das lembranças. Em “lembranças simuladas” de Halbwachs (1994, p. 77) “as imagens dos acontecimentos passados estão completas em nosso espírito (na parte inconsciente de nosso espírito) como páginas impressas nos livros que poderíamos abrir, ainda que não os abríssemos mais”.

Considerações finais

Em síntese, este estudo consistiu em uma análise reflexiva da construção imagética da mãe no poema “Retrato de mãe” de Jorge Tufic, à luz das concepções teóricas de Halbwachs (1994) sobre as “lembranças simuladas”. Foi possível constatar que em “Retrato de mãe”, o eu-lírico expressa não apenas o amor que sentia por sua mãe em vida, mas também a angústia que experimentou ao perdê-la, caindo em devaneios diários na tentativa de “trazê-la” de volta, pintando um retrato materno. Questões relacionadas à cultura e à origem sírio-libanesa estão profundamente entrelaçadas à personalidade das pessoas, e o poema retrata essa conexão, considerando-as como elementos essenciais da figura mãe.

Ao longo de sua vida, Jorge Tufic dedicou-se intensamente à produção literária, deixando um legado significativo para a literatura. Em sua obra “Retratos de mãe”, Tufic revela ricas imagens poéticas, transportando o leitor para um novo plano, conduzindo o leitor a imergir no passado por meio dos cheiros, sabores e descrições da cultura libanesa de sua

Imagistic construction of the mother in the poem “Portrait of a mother” by Jorge Tufic

Abstract: In the poem “Retrato de mãe” (“Portrait of a Mother”, freely translated), as the name suggests, the poetic persona invokes elements that compose their mother figure. In this work, we study a poem by Jorge Tufic, born in Serra Madureira, Brazilian state of Acre, trying to determine how the figure of a mother is constructed culturally and individually. The analysis of the maternal profile presented in the poem is based on the concept of “shrouded remembrances”, studied by Halbwach. As the author is a descendant of Syrian-Lebanese immigrants, his poem echoes traces of this culture, making it necessary to study their presence and culture in the Amazon. The methodology adopted was a bibliographical research, based on the works of Benchimol (2008; 2009; 2013), Márcio Souza (2015, 2019), Buchabqui (2011) and others who research the presence of Arabs in the Amazon. The writings of Rogel Samuel (2012), Goldstein (2005) and Salvatore D’Onofrio (1995) were considered for analyzes and studies regarding the poetic text.

Keywords: Jorge Tufic; Shrouded Remembrances; Syrian-Lebanese in the Amazon.

Recebido em 14 de novembro de 2024

Aprovado em 14 de dezembro 2024

Publicado em 31 de dezembro de 2024